

# As Jornadas de 2013 no Pará: a socialização política de jovens militantes

*The 2013 Journeys in Pará: the political socialization of young activists*

Luiz Carlos Felizardo Júnior<sup>a</sup>,  
Crisolita Gonçalves dos Santos Costa<sup>b</sup>,  
Josefa Alexandrina Silva<sup>c</sup>

**Resumo** Neste artigo, analisamos as Jornadas de 2013 no Pará, destacando suas especificidades regionais de desigualdades sociais e contexto de críticas à insuficiência de serviços públicos. Integrando, teoricamente, os conceitos de dialética das juventudes, subjetivação política, socialização política e repertório de contestação, analisamos entrevistas semiestruturadas realizadas com três militantes que participaram das Jornadas à época e uma pesquisadora local. O objetivo foi compreender os sentidos atribuídos às experiências vividas e seus significados para as vidas desses jovens à época, além de explorar as dinâmicas políticas contemporâneas e o engajamento juvenil em movimentos sociais. Os resultados evidenciam a importância das pautas interseccionais no tensionamento das múltiplas reivindicações às manifestações, o papel das Jornadas como um momento formativo na socialização política dos participantes e nas conexões entre as particularidades locais e os aspectos globais desse movimento.

**Palavras-chave** Jornadas de 2013. Jornadas no Pará. Socialização Política. Interseccionalidade.

**Abstract** *In this article, we analyze the 2013 Journeys in Pará, highlighting their regional specificities of social inequalities and the context of criticism of the insufficiency of public services. Theoretically integrating the concepts of youth dialectics, political subjectivation, political socialization and repertoire of contestation, we analyzed four semi-structured interviews carried out with activists who participated in the Days at the time and a local researcher. The objective was to understand the meanings attributed to lived experiences and their meanings for the lives of these young people at the time, in addition to exploring contemporary political dynamics and youth engagement in social movements. The results highlight the importance of intersectional agendas in*

---

a Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG, Campus Campanha.  
E-mail: [luiz.felizardo@uemg.br](mailto:luiz.felizardo@uemg.br)

b Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Abaetetuba.  
E-mail: [crisolita@ufpa.br](mailto:crisolita@ufpa.br)

c Pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.  
E-mail: [j.alexandrina@uol.com.br](mailto:j.alexandrina@uol.com.br)

*tensioning the multiple demands for demonstrations, the role of the Journeys as a formative moment in the political socialization of participants and the connections between local particularities and the global aspects of this movement.*

**Keywords** 2013 Journeys. Journeys in Pará. Political Socialization. Intersectionality.

## INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as manifestações ocorridas em 2013 no estado do Pará, destacando sua relevância regional e política. Apesar da importância dos atos em Belém e outras cidades, há uma escassez de estudos que explorem suas singularidades. Fundamentamos nossas análises nos conceitos de subjetivação política (Rancière, 1996), repertórios de contestação (Tilly, 2008), socialização política (Tomizaki, 2016a) e dialética da juventude (Groppo, 2017), para compreender as experiências dos sujeitos entrevistados.

As análises sobre as Jornadas de 2013 evidenciam disputas interpretativas sobre seu significado (Dias, Melo e Ribeiro, 2022, p. 16). Sua ocorrência foi precedida por um período de “latência” (Dowbor; Szwako, 2013), caracterizado como um tempo-espaço em que movimentos progressistas e autonomistas, como o Movimento Passe Livre (MPL) e os Comitês Populares da Copa, atuaram na articulação de pautas, formação política, construção de narrativas e mobilização em rede.

As Jornadas configuraram um fenômeno sociopolítico diverso, plural de grandes proporções que envolveu milhões de pessoas em praticamente todos os estados e Distrito Federal. Esses protestos estão circunscritos num ciclo global de manifestações que foram impulsionados pela crise econômica de 2007-2008 – como a Primavera Árabe (2010-2012), o Movimento dos Indignados na Espanha (2011) e o Occupy Wall Street nos EUA (2011), todos caracterizados pela ocupação de espaços públicos como tática central para denunciar desigualdades e injustiça social. No Brasil, as manifestações denunciavam exclusão social e desigualdades.

Manifestações como a “Revolta do Buzu” (2003, Salvador), a “Revolta do Busão” (2012, Natal) que antecedem as Jornadas de 2013 exemplificam o período de latência indicado. Entretanto, foi o episódio conhecido como “Batalha da Consolação”, em São Paulo, que conferiu projeção nacional aos protestos de 2013, expandindo reivindicações locais em uma causa nacional.

Focalizamos no artigo as manifestações ocorridas no Estado do Pará nesse contexto e justificando essa escolha pela constatação de que, nos últimos 10 anos, poucos estudos abordaram a importância política dos atos que tomaram as ruas no Estado e em sua capital.

Nesse sentido destacamos o trabalho de Santos, Brito e Steinbrenner (2013), realizado ainda no calor das manifestações, refletindo sobre as jornadas no Pará com base em publicações na imprensa e resultados de um grupo focal. Esse estudo aponta características singulares do movimento no estado, anunciando uma ruptura com o modo tradicional de fazer política na região. Com maior distanciamento temporal, Dias, Melo e Ribeiro (2022), analisaram publicações na imprensa e destacaram que as jornadas inauguraram formas subjetivistas e individualistas de mobilização social.

Manifestações como as Jornadas criam oportunidades de politização, permitindo a revisão, ressignificação e adaptação de valores políticos em resposta às experiências vividas.

A política existe quando o dado sensível das experiências comuns é perturbado por sujeitos que se fazem ver e ouvir em lugares onde sua presença era negada. Esse ato de dissenso não é uma disputa sobre distribuição de partes já reconhecidas, mas a criação de uma nova lógica da visibilidade (Rancière, 1996, p. 15-17).

Para Rancière, política é uma ruptura dos sujeitos com a ordem hierárquica do “policiamento” – sistema que organiza a sociedade e distribui lugares e funções. Esses sujeitos, muitas vezes, vistos como inferiores ou excluídos da comunidade política, demonstram, por meio da ação política, a igualdade fundamental entre todas as pessoas. Ainda que de forma provisória, essas ações constroem os “sujeitos políticos” (Groppo et al., 2023a).

Outro conceito utilizado nas análises deste artigo é o de repertórios de contestação, definido por Tilly (2008) como conjunto de formas e práticas de protesto disponíveis aos movimentos sociais em determinado contexto histórico:

Repertórios de contestação são conjuntos limitados de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e adaptadas por um grupo em contextos históricos específicos para fazer reivindicações sobre o poder. Embora sejam criações culturais, elas são profundamente influenciadas por condições estruturais, como as relações de poder e as oportunidades políticas disponíveis” (Tilly, 2008, p. 15-17).

Socialização política definida por Tomizaki (2016b) como um processo contínuo no qual os indivíduos adquirem, ao longo da vida, valores, normas, atitudes e comportamentos políticos, também têm papel operatório importante nas análises. Esse processo é, segundo Tomizaki, influenciado por fatores econômicos,

sociais e políticos, bem como por aspectos pessoais, como origem familiar e nível de instrução. Momentos de crise ou mobilização social, como protestos de massa, são férteis e os processos de socialização política de jovens podem, inclusive, transformar valores transmitidos pela família. A militância e a participação em protestos oferecem espaços formativos complementares, nos quais os indivíduos reforçam ou modificam orientações políticas adquiridas anteriormente.

Os conceitos de Luís Antônio Groppo, Jacques Rancière, Kimi Tomizaki e Charles Tilly articulam uma compreensão interseccional da mobilização social, destacando a juventude como agente político central. Groppo (2017) caracteriza a juventude como um sujeito contraditório e dinâmico, cuja atuação reflete tanto condições estruturais quanto subjetivas. Essa perspectiva se alinha à noção de subjetivação política de Rancière (1996), que define a política como dissenso: uma reivindicação de igualdade por sujeitos historicamente invisíveis, rompendo posições e reorganizando a “partilha do sensível”. As Jornadas de 2013 exemplificam essa ruptura, tendo jovens como protagonistas na redefinição do espaço público.

Além da introdução, o artigo está dividido em mais três partes. Na segunda parte, discutimos o contexto político e social do Pará, evidenciando como as lutas urbanas adquirem dimensões mais amplas pela conexão intensa entre cidade, campo, rios e florestas e configuram um clima político e como ativistas e pesquisadores retratam as jornadas no estado. Na terceira parte apresentamos os sujeitos da pesquisa, destacando seu compromisso com a transformação social e analisamos como os entrevistados interpretam suas experiências nas Jornadas, focalizando o engajamento social, a militância e a educação, o papel da educação na formação e militância política dos sujeitos, o lugar das diferenças e diversidade no fazer militante, os repertórios de contestação, a experiência de participação nas Jornadas e por fim, tecemos algumas considerações.

## **O CONTEXTO AMAZÔNICO: UM OLHAR DO ESTADO DO PARÁ**

As manifestações de junho de 2013 no Pará precisam ser detalhadas à luz das demandas por melhores condições de vida para todos. Esse discurso, que integrou a pauta das manifestações em todo o Brasil, se fundamenta em políticas públicas urbanas, como transporte, moradia, saneamento, educação, lazer e saúde. No contexto do Pará, essas questões não podem ser desassociadas das necessidades das populações urbanas, rurais, ribeirinhas e das florestas, incluindo os povos e comunidades tradicionais.

Pensar nas jornadas de Junho de 2013 no Pará implica entender que boas condições de vida para todos dependem diretamente de políticas públicas urbanas

como transporte, moradia, saneamento, educação, lazer, saúde entre outras, e isso no Estado do Pará<sup>1</sup>, deve ser pensado levando em conta as necessidades dos homens e mulheres do campo, da cidade, dos rios, florestas e comunidades tradicionais. O estado apresenta uma diversidade de modos de vida, influenciadas principalmente pelas culturas indígenas e negras, que coexistem tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais e florestais, além de uma presença significativa de povos e comunidades tradicionais.

Em 2013, Belém estava sob a administração do prefeito Zenaldo Coutinho (PSDB), tinha uma população de 1.393.399 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da região Norte. Naquele período, 39% de sua população vivia com uma renda per capita equivalente a meio salário-mínimo (IBGE, 2010)

De acordo com a pesquisadora Bárbara Dias, Belém é uma cidade marcada por profundas desigualdades socioeconômicas, que afetam principalmente as camadas mais pobres da população. Dias afirma:

Belém é uma cidade onde há uma grande concentração de renda, e a especulação imobiliária é uma realidade que afeta o cotidiano das pessoas. A cidade tem uma estrutura ocupacional muito especializada e mais de 30% de sua população ganha menos de um salário-mínimo, o que fecha muitas portas para as camadas mais pobres da sociedade (DIAS, 2023)

No campo político, a pesquisadora destacou a insatisfação popular causada pela ausência de políticas públicas efetivas, tanto antes quanto durante as manifestações de 2013. Ela observou que o poder público ignorou as necessidades básicas da população, o que gerou um clima crescente de descontentamento. Para a pesquisadora, as jornadas de 2013 representaram um momento de ruptura, marcado pela falta de atenção das autoridades às demandas populares (DIAS, 2023).

Nesse contexto de desigualdade, baixos salários e falta de atenção governamental, as greves dos trabalhadores da construção civil em 2012 e 2013 destacaram as condições precárias de trabalho no Pará. Ações como o bloqueio de estradas e a ocupação de canteiros de obras, incluindo o de Belo Monte, enfatizaram as duras realidades enfrentadas pelos trabalhadores, frequentemente denunciadas pelas organizações sindicais (Spossati, 2012)

---

1 De acordo com o Censo de 2022, o Pará possui uma população de 8.121.025 habitantes distribuídos por uma área total de 1.245.870,704 km<sup>2</sup>, abrangendo 144 municípios (IBGE, 2022)

Vale destacar que o clima político no período anterior às manifestações já estava conturbado, principalmente em função do acirramento dos debates em torno do plebiscito que propunha a divisão do Estado em três: Pará, Carajás e Tapajós. Embora questões financeiras relacionadas aos recursos hídricos e minerais estivessem em jogo, o debate concentrava-se nas críticas à insuficiência dos serviços públicos essenciais, como saúde, educação, moradia e transporte (Correia, 2013).

Questões como essas, segundo Correia (2013), foram centrais no plebiscito, pois muitos atores políticos, após a derrota na tentativa de dividir o Estado, passaram a argumentar que uma administração local poderia melhorar a oferta desses serviços essenciais, revelando a insatisfação generalizada com o governo vigente.

Esse cenário de acirramento político, baixos salários e lutas trabalhistas contribuíram para aumentar a frustração de uma parte significativa da população, preparando o terreno para as manifestações de junho de 2013.

### **NARRATIVAS CRUZADAS: MILITANTES E PESQUISADORES RETRATAM AS JORNADAS NO PARÁ**

A primeira manifestação em Belém, assim como outras capitais brasileiras, caracterizou-se pela autonomia e ênfase nas críticas ao governo e ao sistema político, frequentemente visto como corrupto e ineficiente (Dias, Melo, Ribeiro, 2022). Na primeira assembleia, realizada em praça pública, não havia equipamentos como carro de som, microfone ou megafone. (Santos, Brito, Steinbrenner, 2013).

Seguindo o que ocorria no restante do país, as manifestações em Belém, conhecidas como “Jornadas de Junho de 2013”, surgiram com a convocação de um movimento chamado “Belém Livre” por meio de uma comunidade no Facebook, no dia 14 de junho de 2013. O movimento adaptou o modelo do Movimento Passe Livre e usou a internet para articular as Jornadas e desenvolver o ciberativismo convocando os cidadãos para participar de um ato preparatório para as mobilizações na cidade, destacando a força da internet na articulação das Jornadas e o desenvolvimento de um ciberativismo subsequente, ampliando o alcance das manifestações (Santos, Brito, Steinbrenner, 2013).

Desse processo a importância das redes sociais foi destacada por nossos entrevistados. Segundo Conceição, “as *redes sociais foram fundamentais para divulgar as manifestações e atrair mais gente. [...] Sem isso, talvez não tivéssemos conseguido mobilizar tantas pessoas*” falando sobre o uso de plataformas como Facebook e Twitter que permitiram alcançar um número muito maior de pessoas, especialmente em um cenário onde a mídia tradicional não representava

adequadamente o movimento. Wanda, outra de nossas entrevistadas, reforçou essa perspectiva, observando que *“as redes sociais ajudaram muita gente que não estava diretamente envolvida a se engajar. [...] Isso trouxe muita gente nova para a rua, mas também gerou confusão.”* Aspecto esse corroborado cautelosamente por outro militante Jorge, quando informa: *“as redes sociais mobilizaram, mas também criaram caos. [...] Facilitou a entrada de grupos conservadores.”* Para ele, a fragmentação causada pelo uso das redes dificultou a organização do movimento, trazendo para as ruas pessoas que não compreendiam plenamente as bandeiras defendidas ou defendiam outras, abrindo espaço para a atuação de grupos com interesses distintos.

Essas observações reforçam a teoria de Manuel Castells (1999) sobre a sociedade em rede, ao destacar que, embora as redes sociais aumentem a participação e diversidade de vozes, também podem gerar desorganização e dificultar a coesão e liderança unificada, como ocorreu nas Jornadas de 2013 no Pará.

Seguindo com a descrição das jornadas no Pará ressaltamos que o caráter autonomista que caracterizou as primeiras manifestações em Belém, marcado por pautas individuais e sem uma coesão coletiva clara, começou a mudar a partir da segunda assembleia. Nesse momento, coletivos mais organizados, com tradições de esquerda, conseguiram a participação ativa. As jornadas de junho ocuparam as ruas da capital paraense, utilizando espaços consagrados pelos movimentos sociais, mas também propuseram novos rumos e montaram acampamentos que sinalizaram rupturas no padrão tradicional de manifestações públicas. Assim, observamos uma mistura de práticas autonomistas com movimentos sociais mais tradicionais (Santos, Brito, Steinbrenner, 2013).

Segundo os militantes, no começo as reivindicações eram mais voltadas para questões sociais amplas, mas logo disseram *“a gente viu as pautas conservadoras ganhando espaço”* (Conceição). Wanda reforça a percepção de que as pautas progressistas enfrentam resistências no interior do movimento ao lembrar que: *“A gente sentia que as pautas feministas e LGBTQIA+ estavam sempre lutando para ganhar espaço, mas as demandas conservadoras começaram a aparecer.”*

E Jorge informa que reconhecia a ameaça representada pelos grupos conservadores dizendo do (...) *“surgimento de grupos como o MBL nos fez perceber que havia um problema maior de disputa ideológica.”*

As falas de Conceição, Wanda e Jorge evidenciam que para garantir uma identidade progressista para o movimento e impedir sua fragmentação, o campo mais à esquerda tinha que disputar espaço com as pautas conservadoras e reacionárias.

Entretanto o processo segue, contando com a participação de diversos grupos e movimentos sociais com diferentes tendências que trouxeram demandas específicas para as ruas, em busca de melhores condições de vida e trabalho. Isso ficou evidente em 02 de julho de 2013, quando várias manifestações ocorreram simultaneamente em Belém, envolvendo diversos setores da sociedade:

[...] diversas manifestações ocuparam as ruas de Belém: policiais militares e bombeiros fizeram passeata a favor da PEC 300; o movimento Médico, ‘Vem Pra Rua Também’ apresenta melhores condições na saúde; funcionários da maior rede de supermercados de Belém entraram pela primeira vez em greve por melhores atualizações; flanelinhas fizeram manifestação por melhores condições de trabalho. Ainda em julho, vários cursos da Universidade Federal do Pará pararam por melhores condições de ensino, e um pouco adiante, os jornalistas de Belém, depois de quase duas décadas sem (re)ação coletiva, abordados em greve por melhores condições de trabalho. (Santos, Steinbrenner, 2013, p.10).

Apesar da força da narrativa “sem partido” e das pautas individualizadas no início, as assembleias permitiram a discussão de questões mais coletivas e alinhadas com as pautas nacionais, ainda que a diversidade de demandas continuasse presente. Houve a necessidade de ajuste às necessidades e pautas locais para evitar o que chamaram “uma caminhada do nada para lugar nenhum<sup>2</sup>”. Por meio de assembleias decidiram alinhar suas pautas com o movimento nacional, que incluíam demandas relacionadas à mobilidade urbana e críticas aos investimentos para a Copa do Mundo de 2014, além de questões específicas de Belém, como:

a retomada de obras públicas (BRT, macrodrenagem, duplicação de vias); a garantia e transparência na execução das obras do BRT; melhoria do transporte coletivo; a redução e congelamento da tarifa de ônibus; passe livre para estudantes e desempregados; o fim do vale digital e retorno do vale-transporte; uma melhor gestão de resíduos sólidos; a reforma das escolas e a destinação de 25% da receita do município para a educação” (Dias; Melo; Ribeiro, 2022, p. 26).

---

2 Referência dada por uma das entrevistadas que, na época das Jornadas de 2013, era estudante e participou da organização dos movimentos em Belém. Para ela a caminhada que seguiu pela Av. Almirante Barroso até o Entroncamento (ponto de divisa da Região Metropolitana de Belém) e lá simplesmente houve uma dispersão.

Esses movimentos concentraram os protestos em locais como a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores. Ao direcionar o movimento para a prefeitura com pautas relacionadas à mobilidade urbana, ocorreu um dos momentos mais violentos das manifestações no Pará, com conflitos envolvendo a Guarda Civil, que, “assumiu força de polícia militar, utilizando bombas de efeito moral, spray de pimenta e cavalaria para conter as manifestações sociais” (Santos; Brito; Steinbrenner, 2013). Nessa situação, o poder do Estado e o aparelho policial foram empregados para proteger o patrimônio público, muitas vezes em detrimento da proteção da vida humana, reafirmando a tutela dos bens públicos como prioridade (Ortellado, 2014).

Todavia, a brutalidade da repressão policial, aspectos mais marcantes nas Jornadas de Junho de 2013 no Brasil e, em especial, no Pará, revelava para os militantes o uso estatal das forças de segurança para conter as manifestações. Aspecto que gerou profunda indignação entre os manifestantes, reforçando sua desconfiança em relação ao Estado. Sobre isso Conceição relatou que a repressão foi “*brutal*”, pois os manifestantes estavam nas ruas para lutar por direitos, mas, em vez de diálogo, enfrentaram “*bala de borracha, gás lacrimogêneo e agressões*”. Para ela, esse uso da violência apenas “*reforçou a ideia de que o Estado não está do nosso lado*”, e que a luta por justiça deveria ser travada contra “*essas instituições opressoras*”.

Wanda, destacando que a chegada repentina da polícia “*sem aviso*” desmobilizou parte do grupo. Ela descreveu que “*apesar de estarem ali pacificamente*”, a polícia “*começou a atacar*”, o que resultou em muitos manifestantes feridos. Isso, segundo ela, desmotivou alguns, mas também “*gerou mais indignação*”, revelando a tática da violência como uma tentativa de desmobilizar o movimento.

Jorge ofereceu uma análise mais detalhada, observando que a repressão policial não só desmobilizou parte dos manifestantes, mas também radicalizou outros. Ele afirmou que as agressões “*só fizeram alguns de nós perceberem que o Estado estava disposto a tudo para manter as coisas como estavam*”. Para alguns, a violência reforçou a justiça da luta, tornando-os mais firmes em seu engajamento político. Jorge apontou que, após os confrontos, aqueles que estavam hesitantes em continuar se tornaram “*ainda mais firmes em continuar na luta*”, evidenciando o efeito paradoxal da repressão: enquanto afastava alguns, ela fortalecia o compromisso de outros.

Todavia, a ida à prefeitura destacou uma particularidade importante do movimento em Belém: a ausência de lideranças formais. O prefeito aceitou receber uma comissão representativa dos manifestantes, mas as assembleias já decidiram que o

movimento não teria líderes oficiais. Isso levou os coletivos com organização mais autônoma a recuarem, e os movimentos sociais tradicionais, com mais experiência em negociação e diálogo com representantes políticos, assumiram a liderança. Essa combinação entre práticas autonomistas e socialistas, especialmente com partidos de esquerda críticos ao PT, marcou o cenário das mobilizações no Pará (Grosso et al., 2023a).

As pautas relacionadas à mobilidade urbana foram fundamentais no contexto das manifestações em Belém, especialmente aquelas que envolvem a mobilidade estudantil e o direito à educação. No contexto das Jornadas de Junho, o conceito de direito à cidade destacou-se como um elemento central, abrangendo o acesso a bens materiais, culturais e serviços diversos.

Belém está localizada na confluência da Baía do Guajará e do Rio Guamá, mantém uma relação histórica e intensa com as populações tradicionais do interior do estado, como ribeirinhos e quilombolas, que frequentemente utilizam os portos e trapiches da orla fluvial para se deslocar e acessar serviços essenciais como saúde e educação (Silva, 2022). Dinâmica que reflete o papel da cidade como ponto de integração entre áreas urbanas e comunidades do interior, destacando a importância da mobilidade e sua relevância regional, social e econômica.

Essa conexão é exemplificada no depoimento de Conceição, que tratando da necessidade de visibilizar a realidade amazônica, descreve brevemente o deslocamento que faz:

Como eu falei, eu estava num lugar que eu tive que ir horas e horas numa balsa, dentro de uma rede. Então, a nossa vivência é muito diferente e eu trabalhei num lugar que eu ia todo dia pelo rio e voltava. Essa vivência amazônica precisa também ter visibilidade nacionalmente, internacionalmente.(Conceição)

O relato evidencia que as demandas das Jornadas de Junho de 2013 ultrapassaram os limites territoriais das cidades, refletindo uma confluência de pautas que influenciaram a coletividade em todo o Estado do Pará. Nesse contexto, o direito à cidade emerge como uma política de prioridade, abrangendo não apenas os habitantes urbanos, mas também as populações do interior que dependem da capital para acesso a bens materiais, culturais e serviços essenciais.

As pautas de junho estavam relacionadas ao direito à cidade como prioridade política, compreendendo esse direito como acessibilidade a bens materiais, culturais e aos diversos serviços. Mas sem restringir esse direito àqueles que nelas

vivem, como é específico no caso das cidades do interior do Pará que dialogam em constante movimento com a capital.

## APRESENTANDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS PARA A PESQUISA HOJE

O quadro que segue apresenta um conjunto de informações em relação aos sujeitos entrevistados para a pesquisa realizada no Pará e contém informações que nos ajudam a conhecer a luz dos olhos desses que pregressa e analiticamente nos ensinam sobre a irrupção popular que convencionamos como Jornadas de 2013.

Esses militantes representam perfis sociais, políticos e econômicos variados, o que permite uma análise diversificada do impacto do movimento<sup>3</sup>. O quadro abaixo apresenta os perfis dos sujeitos entrevistados, destacando características pessoais e familiares que contextualizam suas experiências de militância:

**Quadro 01.** Perfis dos sujeitos entrevistados<sup>4</sup>

Pseudônimo	Conceição	Wanda	Jorge
Coletivo/Organização	Juntos e DCE da UEPA	UJR	UJS/Pcdob
Município	Belém-PA	Belém-PA	Breves (Marajó)
Idade	31	31	33
Estado Civil	Solteira	Solteira	União Estável
Sexo/Gênero	Mulher cis	Mulher cis	Masculino
Raça/Cor	Negra	Negra	Branco
Religião	Cristã	Sem	Cristão
Orientação Sexual	Bissexual	Bissexual	Heterossexual
Escolaridade	Mestranda	Superior Completo	Superior Completo
Profissão	Fisioterapeuta	Guarda Portuária	Advogado
Renda Familiar	4 salários-mínimos	3 mil reais	10 mil reais
Profissão Mãe	Doméstica	Professora	Aposentada
Profissão Pai	Autônomo	Agricultor	Aposentado
Escolaridade Mãe	Fundamental incompleto	Magistério	Analfabeta
Escolaridade Pai	Ensino Médio incompleto	Fundamental 1	5º ano

Fonte: Pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”

- 3 Os jovens entrevistados caracterizam uma parte de quem organizou os atos em 2013 em Belém: são jovens militantes de juventudes partidárias socialistas. Não conseguimos entrevistas com jovens que em 2013 estavam mais próximos do repertório autonomista, e que convocaram o primeiro ato pelas redes sociais.
- 4 Como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os entrevistados escolheram um pseudônimo para serem identificados na pesquisa para que seja garantido seu anonimato. Portanto, não terão seus nomes próprios revelados nos produtos da pesquisa.

Conceição é uma mulher negra de 31 anos, natural de Belém-PA. Ela se identifica como mulher cisgênero e bissexual, e segue a fé cristã. Solteira e com formação acadêmica avançada, ela está cursando um mestrado e trabalha como fisioterapeuta. Sua renda familiar gira em torno de 4 salários-mínimos, o que reflete uma condição econômica estável, embora ainda abaixo de certos padrões de classe média. Conceição tem uma origem familiar humilde, com sua mãe trabalhando como doméstica e tendo apenas o ensino fundamental incompleto, e seu pai sendo autônomo com o ensino médio incompleto.

Seu engajamento político está vinculado ao coletivo Juntos e ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no qual atuou intensamente durante as Jornadas de Junho de 2013. Sua militância, marcada por pautas progressistas, como a luta por igualdade de gênero e raça, reflete a combinação de suas experiências pessoais com a formação acadêmica.

Wanda também é uma mulher negra de 31 anos, residente em Belém-PA, e, assim como Conceição, se identifica como mulher cisgênero e bissexual. Porém, ao contrário de Conceição, Wanda não se declara seguidora de uma religião. Solteira e com ensino superior completo, Wanda trabalha como guarda portuária, profissão que lhe proporciona uma renda familiar em torno de 3 mil reais, refletindo uma condição econômica um pouco mais limitada.

A trajetória familiar de Wanda é marcada por sua mãe, que foi professora com formação de magistério, e seu pai, agricultor com escolaridade até o fundamental. Essa origem humilde não impediu que Wanda avançasse em sua formação e ingressasse na militância política, vinculada à União da Juventude Revolucionária (UJR). Sua participação nas Jornadas de Junho de 2013 foi decisiva para sua politização, especialmente em torno de questões ligadas ao feminismo e à defesa dos direitos da população negra e LGBTQIA+.

Jorge é um homem branco de 33 anos, natural de Breves, na ilha de Marajó (PA). Ele se identifica como homem cisgênero e heterossexual, e segue a fé cristã. Jorge está em uma união estável e possui uma renda familiar mais elevada, cerca de 10 mil reais, fruto de sua profissão como advogado. Sua trajetória acadêmica é marcada pela conclusão do ensino superior, o que o coloca em uma posição de ascensão social em relação à sua família de origem.

Jorge vem de uma família em que ambos os pais possuem pouca escolaridade; sua mãe é analfabeta e aposentada, e seu pai tem o 5º ano do ensino fundamental, também aposentado. Apesar disso, ele conseguiu trilhar uma trajetória de sucesso acadêmico e profissional, alinhada à sua militância no Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e na União da Juventude Socialista (UJS). Durante as Jornadas de

Junho de 2013, Jorge teve um papel ativo, focando principalmente nas disputas ideológicas e nas questões relacionadas à classe social

### ENGAJAMENTO SOCIAL DOS ATIVISTAS

Passados mais de 10 anos das Jornadas de 2013, Jorge, Wanda e Conceição permaneceram sujeitos ativos com um forte compromisso com a transformação social. Eles defendem a transformação como um processo coletivo e contínuo, buscando maior representatividade e justiça para os grupos marginalizados. Como evidenciado por Jorge que avalia:

Eu participei praticamente de todas as manifestações que tiveram aqui. A experiência foi boa por conta disso. Eu acho que isso não foi só uma experiência enquanto militante, foi uma experiência sociológica. A gente sabia que estava participando de um movimento histórico... (Jorge)

Jorge, ao refletir sobre sua participação ativa nas Jornadas de 2013, atribuiu um significado metanalítico à experiência, indicando a permanência de um sentido que já intuía à época: – *“A gente sabia que estava participando de um movimento histórico...”* – refletindo a subjetivação política (Rancière, 1996), na medida em que se percebe como parte ativa de uma ruptura com a ordem política tradicional. A participação em um movimento histórico não é apenas uma experiência pessoal; trata-se da criação de um espaço no qual sujeitos historicamente invisíveis reivindicam sua voz pela ação, transformando-se em “sujeitos políticos”.

Eu acho que foi muito importante a nossa participação, a nossa disputa, as nossas decisões... foi um processo de amadurecimento importante. Aprender a lidar com outras forças políticas, aprender a lidar com pessoas independentes, aprender a lidar com pessoas apartidárias e aprender a lidar com fascistas também. (Wanda).

Wanda traz uma reflexão que reforça a socialização política como um processo contínuo, ao mencionar o aprendizado que ocorreu no diálogo com diferentes forças políticas e individuais. Sua fala revela a formação política adquirida por meio do engajamento direto nos movimentos. O amadurecimento político descrito por Wanda, que chamamos de “democrático”, aponta para a importância das interações plurais na formação de habilidades sociais e políticas, permitindo a articulação de mudanças coletivas.

A fala de Conceição, que segue, explicita de forma precisa aspectos da dialética da juventude (Groppo, 2017), um processo de ação e reflexão no qual os jovens, ao participarem de mobilizações, desenvolvem uma consciência política transformadora. Diz nossa entrevistada:

Então, isso é bem interessante do ponto de vista das vitórias porque, aí, os estudantes perceberam: olha, a gente foi lá e trabalhou para não aumentar a passagem, porque a meia passagem para a gente já era muito cara e não tinha como aumentar [...] isso é um exemplo de um ganho da época, uma política de vitória em 2013, que faz com que a juventude entenda que o seu poder de mobilização é capaz de gerar mudanças. (Conceição)

A entrevistada destacou o impacto imediato das mobilizações, bem como o aprendizado coletivo, importante para a formação da juventude como categoria sociopolítica. A luta contra o aumento das tarifas, mais do que uma conquista material e objetiva, representou um momento de conscientização em que os jovens perceberam sua capacidade de organização e transformaram a realidade.

Do conjunto das falas temos indicativos de que vivências no movimento social operam como espaços formativos que transcendem as conquistas imediatas, promovendo um ciclo de ação e reflexão que fortalece a agência coletiva. As experiências partilhadas por Jorge, Wanda e Conceição reafirmam o que indica Tomizaki (2016a) sobre a socialização política e a dialética das Juventudes de Groppo (2017), quanto ao papel central da juventude na reorganização da esfera pública, confirmando que a mobilização juvenil é tanto uma resposta às condições estruturais quanto a uma criação cultural que redefine os repertórios de contestação, como descrito por Tilly (2008).

### **MILITÂNCIA E EDUCAÇÃO: O PAPEL NA FORMAÇÃO POLÍTICA**

A educação foi uma ferramenta essencial na formação política dos entrevistados, proporcionando-lhes não apenas oportunidades de ascensão social, mas também a consciência crítica necessária para se engajarem em movimentos sociais. Conceição, Wanda e Jorge compartilham experiências em que o acesso à educação foi fundamental para sua politização e engajamento em lutas sociais.

Sobre esse aspecto Conceição falou-nos como sua experiência universitária e seu envolvimento no DCE da UEPA foram determinantes para sua politização. Diz nossa entrevistada:

Eu sempre acreditei que a educação é a base de tudo. Foi na universidade que eu realmente entendi a importância da mobilização e da luta por direitos. Eu me envolvi no DCE e foi isso que me colocou em contato com as pautas mais amplas, como a questão do transporte, da saúde pública, e depois a luta das mulheres e dos negros. (Conceição)

Wanda, que também se envolveu em movimentos estudantis, menciona como esse ambiente foi crucial para sua formação:

A minha formação política veio, em grande parte, dos meus anos na UNE e na UJR. O movimento estudantil foi onde eu aprendi sobre organização, sobre a importância de estar presente nas ruas, e também onde eu aprendi a questionar as injustiças que a gente vive diariamente, como mulheres e como negras. (Wanda).

Jorge, cuja trajetória de engajamento no movimento estudantil é semelhante as duas entrevistadas ressalta em sua fala a importância da educação em sua compreensão das disputas ideológicas nas Jornadas:

Eu sempre estive ligado ao movimento estudantil, e isso foi crucial para entender as disputas políticas que estavam em jogo. Estudar me deu uma base teórica para saber quais bandeiras defender e como articular melhor as pautas de esquerda. (Jorge)

Os relatos de Conceição e Wanda se alinham à perspectiva de Paulo Freire (1987), que entende a educação como uma prática de liberdade, capaz de emancipar os indivíduos. Além disso, Jorge revela, ao conectar sua formação educacional às disputas ideológicas, uma ressonância com o conceito de intelectual orgânico de Gramsci (1991), enfatizando a apropriação do conhecimento como ferramenta essencial para lutas políticas.

As narrativas reforçam a centralidade da educação como espaço de formação política e ativismo. Conceição destaca o papel do engajamento universitário, particularmente no movimento estudantil (DCE), na ampliação de sua consciência política e no contato com pautas sociais mais amplas. Wanda enfatiza que o movimento estudantil trouxe ferramentas críticas para conectar gênero e raça às lutas sociais, demonstrando como educação e ativismo são mecanismos de enfrentamento às desigualdades.

A educação, enquanto prática formativa, funcionou como espaço de socialização política e fortalecimento da militância. Além da mobilidade social, ofereceu base teórica e prática para o engajamento em disputas políticas. Esse processo exemplifica a subjetivação política (Rancière, 1996), transformando os envolvidos em agentes ativos na reconfiguração da esfera pública. A participação nos Protestos de Junho consolidou esses aprendizados, configurando um espaço temporário de dissenso, emancipação e reorganização da “distribuição do especial”.

### **PARA ALÉM DAS CONVERGÊNCIAS POLÍTICAS, O LUGAR DA DIFERENÇA NO FAZER MILITANTE**

Para além daquilo em que convergem quando consideram que as visões políticas que têm hoje, mais informada e estável, vemos que a realidade que enfrentam está influenciada pelas realidades econômicas e familiares desafiadoras que viveram, das quais destacamos a superação das barreiras socioeconômicas e o papel da educação em suas vidas.

Contudo, um olhar mais aproximado vemos que no interior da militância convergente dos sujeitos há aspectos relativos a diferenças de gênero, raça, orientação sexual, profissão e contexto familiar. Foi Conceição que situando no tempo de mais de 10 anos atrás sua indignação militante, quem nos chamou a essa reflexão analítica:

Então a minha militância partidária, né porque a gente disse que tinha outra história, mas a militância partidária veio daí, mas foi em junho de 2013 que a gente passou a refletir sobre a estrutura de poder, de dizer assim, pera lá, isso aqui não está nos representando. Cadê os jovens, cadê as mulheres, cadê as pessoas negras na política? Cadê as pessoas que estão lutando por direitos? (Conceição)

A partir de um olhar interseccional, revela-se no olhar comparativo sobre as formas como cada um se envolve nas lutas sociais. Jorge, como homem branco e heterossexual, ao tratar das jornadas enfatizou mais as disputas de classe e as divisões ideológicas surgidas nas Jornadas de 2013, sem abordar com a mesma intensidade as questões de gênero e raça.

Olha, tinha na época, eu vi, acho que era um movimento assim, de mais organizado, eu acredito que tinha essa turma do movimento Juntos, que eles já tinham, eu acho que uma pegada mais, um olhar mais atento para essa questão do feminismo, mas eu não via muito esse mundo do movimento feminista, pelo menos

aqui em Belém, né? Mas eu acho que no Brasil ainda não estava muito... Não sei, não tinha despertado muito o olhar das mulheres e dos próprios homens para essa questão do feminismo. Já existia nos grupos organizados, mas nas manifestações de junho eu não via muita organização feminista como tem hoje. (Jorge)

Mas tinha uma coisa que me incomodava porque todas as duas são mulheres brancas<sup>5</sup>, mulheres brancas do Sul e do Sudeste. Então isso me incomodava, ao mesmo tempo que me inspirava a história da luta delas, me incomodava no sentido de dizer assim: Pera lá! cadê as mulheres negras, as mulheres afro-amazônicas, as mulheres indígenas? Cadê essas mulheres que estão aqui vivendo essa realidade de dificuldade, essas distâncias territoriais que nós vivemos aqui? (Conceição)

(...) grande maioria eram jovens, né? E por ser uma parcela da sociedade que sofre bastante com as opressões, a participação é grande também. Então a gente tinha bastante pessoas da comunidade da LGBTQIAPN+ que ia mais participando das atividades. (Wanda)

Nesse sentido vemos que Conceição e Wanda, sendo mulheres negras e bissexuais, lidam com opressões de gênero, raça e sexualidade de maneira mais central em suas atuações políticas, destacando nas jornadas a importância das pautas interseccionais.

As trajetórias profissionais, familiares e militantes dos entrevistados evidenciam diferenças importantes que influenciam suas práticas e prioridades políticas. Conceição, fisioterapeuta e mestrande, relacionando sua atuação profissional às lutas por políticas públicas de saúde e educação. Wanda, guarda portuária, direciona seu engajamento às demandas sindicais e às condições de trabalho, refletindo as reivindicações da classe trabalhadora. Jorge, advogado, atua em espaços mais institucionais, priorizando disputas jurídicas e partidárias, marcando uma distinção em relação às abordagens de Conceição e Wanda.

Essas diferenças ocorrem em seus contextos familiares e nas formas de enfrentamento de opressões estruturais. Conceição e Wanda, ambas oriundas de famílias de baixa escolaridade e renda, utilizam a educação como um meio de politização e ascensão social, conectando experiências pessoais às lutas coletivas. Assim, incorporam essas opressões estruturais às suas práticas militantes, demonstrando

---

5 A entrevistada se refere a deputada estadual Luciana Genro do Rio Grande do Sul e a deputada federal Sâmia Bomfim do Estado de São Paulo.

como as pautas interseccionais permeiam suas trajetórias. Jorge, por sua vez, foca em disputas de classe e ideologia, abordando questões de gênero e sexualidade de forma menos prioritária, o que revela diferenças internas no campo militante.

As diferenças entre Conceição, Wanda e Jorge destacam o papel das experiências pessoais na definição de prioridades militantes e demonstram que a militância não é uniforme, mas diversificada, sendo moldada pelas opressões vividas e pelos espaços ocupados. Sob a perspectiva teórica, essas diferenças refletem como os processos de subjetivação política e socialização interagem com as condições estruturais, ampliando a compreensão das lutas sociais e a complexidade do fazer militante.

A juventude desempenhou um papel central nas Jornadas de Junho de 2013, trazendo uma pluralidade de pautas e ampliando o repertório de contestação, como destacou Wanda:

As ruas estavam cheias de jovens, cada um com uma pauta diferente. Era sobre transporte, mas também sobre feminismo, racismo, direitos LGBTQIA+. [...] Era um movimento muito plural, e isso refletia a nossa geração, que luta por tudo ao mesmo tempo.” (Wanda)

Dessa forma, Wanda reflete como a juventude, através de um repertório de contestação diversificado, trouxe para as ruas uma multiplicidade de pautas que expressavam as demandas de diferentes grupos sociais. Essa pluralidade, como discutida por Groppo *et al* (2023b), é uma marca dos movimentos juvenis, que muitas vezes acrescentam afirmações que vão além das questões centrais.

Segundo Jorge, a energia da juventude foi essencial, mas ele reconhece a necessidade de maior coesão ideológica:

A juventude foi essencial, mas às vezes parecia que havia falta de direção. Muitos estavam ali sem saber exatamente o que estavam defendendo, e isso tornava a disputa mais difícil.” (Jorge)

A falta de coesão ideológica se revelou um desafio, especialmente no campo progressista, que teve dificuldade em dar respostas articuladas a tantas exigências. Essa organização abriu espaço para o fortalecimento de setores conservadores e reacionários, que se aproveitaram da fragmentação do movimento. Assim, a riqueza de diretrizes que inicialmente impulsionou o movimento acabou, em parte, limitando sua capacidade de transformação política a longo prazo.

## A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NAS JORNADAS: FAZER MILITANTE NA PRÁTICA

As Jornadas de Junho de 2013 foram marcantes para os três entrevistados, consolidando suas trajetórias militantes e formando percepções sobre a luta por direitos. A participação direta nas manifestações de rua revelou desafios fundamentais para seu amadurecimento.

Reforçando o caráter formativo desse processo ao destacar o aprendizado político gerado pela articulação de diferenças, dizendo que *“a experiência nas ruas me mostrou que, para avançar, precisamos saber articular essas diferenças”* (Conceição). Jorge, por sua vez, enfatiza a necessidade de proteger as bandeiras progressistas durante as manifestações: *“Foi difícil, mas tivemos que nos organizar para proteger nossas bandeiras e garantir que as ideias progressistas prevalecessem”*.

Além de um espaço formativo, as Jornadas representaram um momento de reflexão crítica para os entrevistados sobre as limitações e desafios enfrentados pelos movimentos progressistas. Conceição e Wanda refletem sobre o aumento da participação das mulheres e da comunidade LGBTQIA+, mas sem o protagonismo que poderia ter tido.

Jorge avalia que, embora tenha tido uma oportunidade para disputar a juventude, as Jornadas também evidenciaram a ascensão de forças conservadoras dizendo que o *“surgimento de grupos conservadores foi um sinal de que a luta pela hegemonia estava longe de ser ganha”*. Esses relatos destacam o legado ambivalente das Jornadas, que tanto contribuíram para o engajamento juvenil quanto revelaram os desafios internos do campo progressista.

Nesse sentido os impactos das Jornadas podem ser observados em duas dimensões principais: o amadurecimento político dos militantes e as divisões ideológicas no campo progressista, tendo em vista que para Conceição, Wanda e Jorge, as manifestações de 2013 consolidaram suas práticas políticas, ao mesmo tempo em que evidenciaram os limites das mobilizações em alcançar maior coesão e representatividade. Ou seja, apesar de suas conquistas, as Jornadas deixaram um legado complexo, que inclui tanto o fortalecimento do engajamento político quanto o alerta sobre os riscos de fragmentação e o crescimento de movimentos conservadores no Brasil.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise empreendida neste artigo articulou os conceitos de dialética da juventude (Groppo, 2017), subjetivação política (Rancière, 1996), socialização

política (Tomizaki, 2016a) e repertórios de contestação (Tilly, 2008) como lente teórico-analítica. Essa abordagem foi efetiva ao possibilitar uma compreensão abrangente das experiências dos jovens entrevistados, conectando as dimensões estruturais e subjetivas às práticas políticas em contextos de mobilização. Sua utilização foi útil para produzir uma compreensão sobre como a educação, a militância e as condições socioeconômicas foram intervenientes nos processos de aprendizado político e ressignificação das identidades, destacando a juventude como agente político central.

Os resultados evidenciam que as Jornadas de Junho de 2013 atuaram como um marco formativo na socialização política dos participantes, proporcionando espaços de aprendizado coletivo e fortalecimento do engajamento político. As entrevistas revelaram a importância das pautas interseccionais no tensionamento entre as reivindicações locais e globais e como estas pautas influenciam a militância contemporânea, especialmente no que concerne questões de gênero, raça e sexualidade

Além disso, as diferenças nos repertórios de contestação e enfoques políticos dos entrevistados reforçam a pluralidade das mobilizações sociais, indicando como as particularidades individuais contribuem para o enriquecimento das lutas coletivas.

A pesquisa também nos permitiu destacar o papel das Jornadas em conectar dinâmicas locais e globais, dando-nos pistas para compreender como as manifestações juvenis no Pará estão articuladas com demandas específicas do local e do global. Essa articulação ampliou a compreensão do impacto das Jornadas, evidenciando que a mobilização coletiva pode ser tanto um espaço de ruptura quanto de aprendizado político contínuo. Assim, o estudo reafirma a importância das juventudes na reconfiguração da esfera pública e no enfrentamento às desigualdades estruturais, integrando lutas sociais diversas em suas pautas.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel (1999). *A Sociedade em Rede*. vol. 01. São Paulo: Paz e Terra.
- CORREA, Roberto (2013). Análise: Manifestações no Pará abordam do transporte fluvial à morte de bebês. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/analise-manifestacoes-no-para-abordam-do-transporte-fluvial-a-morte-de-bebes.htm> (acesso 20/06/2024)
- DIAS, Bárbara Lou Veloso; MELO, Allyne; RIBEIRO, Isadora (2022). As marchas de 2013 em Belém do Pará: aspectos da ação coletiva local. *Revista de Interações Sociais – REIS*. Rio Grande, v. 6 n. 2. jul.-dez, p. 14-32. <https://doi.org/10.14295/reis.v6i2.15545>

- DIAS, Bárbara V. (2023). Maio de 1968 e junho de 2013 em Paralaxe. *Problemas Brasileiros* (São Paulo), v. 1, p. 1-3. <https://revistapb.com.br/artigos/maio-de-1968-e-junho-de-2013-em-paralaxe/> (acesso em 30/06/2024)
- DIAS, Bárbara V. Entrevista concedida para equipe de pesquisa em 14/07/2023.
- DOWBOR, Monika; SZWAKO, J. (2013) Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Novos Estudos CEBRAP* (Impresso), v. 97, p. 43-55.
- FREIRE, Paulo (1987). *A pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- GRAMSCI, Antônio (1991). *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GROPPO, Luís Antônio (2017). *Introdução à Sociologia da Juventude*. Jundiaí: Paco Editorial.
- GROPPO, Luís Antônio; SILVA, Gislene; SOUZA, Emerson Carvalho; SOARES, Vitória N. (2023a). “Jornadas de Junho de 2013 e repertórios de contestação: do autonomismo à ambiguidade”. In: OLIVEIRA, Gustavo; DOWBOR, Monika (org.) *Movimentos sociais e autonomias: imaginação, experiências e teorias na América Latina*. Marília: Lutas Anticapital, p. 203-244.
- GROPPO, LUÍS Antônio; SILVA, Gislene; SILVA, Josefa A.; FELIZARDO JÚNIOR, L. C.; CONCEIÇÃO, M. R.; SOARES, Vitória N. (2023b) Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. v. 49, p. 1-20. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2012). *CENSO BRASILEIRO DE 2010*. RIO DE JANEIRO. <HTTPS://CENSO2010.IBGE.GOV.BR/>
- ORTELLADO, Pablo (2014). Posfácio. In: SOLANO, Esther; MANSO, Bruno P.; NOVAES, Willian. *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black bloc*. São Paulo: Geração Editorial.
- RANCIÈRE, Jacques (1996). *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- SANTOS, Joice; BRITO Rosaly; STEINBRENNER Rosane (2013). Política, juventude e rede #vemprarua em Belém. Anais do II Colóquio Semiótica das Mídias. Maceió. <https://www.ciseco.com.br/index.php/edicao-2-2013/294-politica-juventude-e-rede-vemprarua-em-belem>
- SILVA, Jakson Silva da (2022). Lugar de vida popular em Belém (PA): Pertencimento, tradição e identidade. *Humanitas*, v.2. n. 1/2. p.95-116. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rhumanitas/article/view/14509> (acesso 20/12/2024).
- SPOSSATI, Rui (2012). Morte e Greve em Belo Monte. Xingú Vivo. <https://ibase.br/apos-morte-de-trabalhador-greve-geral-paralisa-obras-de-belo-monte/> (acesso 09/09/2024).

- TOMIZAKI, K. Silva (2016a). *Socialização política e juventude: processos formativos em contextos de mobilização social*. São Paulo: Cortez.
- TOMIZAKI, K.; CARVALHO-SILVA, H. H.; SILVA, M. G. V. (2016b) Socialização Política e Politização entre famílias do Movimento dos Trabalhadores sem Teto. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 37, p. 935-954. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016166488>
- TILLY, Charles. *Contentious Performances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.